



O ESTÁGIO NA FORMAÇÃO INICIAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA - BACHARELADO: PERSPECTIVAS DOS EGRESSOS¹

Neusa Dendena Kleinubing²

Carla dos Reis Rezer³

Leonardo Vieira⁴

RESUMO

Este texto objetivou analisar o estágio no processo de formação em Educação Física-Bacharelado, da Unochapecó. A partir da abordagem qualitativa analisa a percepção de 8 professores egressos do curso. A técnica de análise temática de Minayo (2008) orientou a análise dos dados que apontou para as seguintes conclusões: os egressos percebem o estágio como momento de importantes aprendizagens além da necessidade de um tempo maior nesta etapa da formação.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Física; Formação Inicial; Estágio Curricular Obrigatório.

INTRODUÇÃO

O processo de formação inicial passa por diversas etapas e o Estágio Curricular Obrigatório (ECO) é uma dessas etapas fundamentais para que sejam construídos o entendimento e as articulações entre o processo de formação inicial e o futuro campo de atuação do profissional de Educação Física (EF). É desejado que nesta etapa, o futuro egresso desenvolva um olhar crítico dimensionando a intrínseca relação entre teoria e prática e as suas implicações do saber e do fazer nos diferentes cenários de atuação do bacharel em EF. Nesse sentido, nos aproximamos das ideias de Rezer (2014) para o qual a intervenção pedagógica representa uma categoria importante para o campo da EF, possível de articular em situações de ensino suas diferentes “formas-de-ser”, ou seja, possível de articular em situações de intervenção as diferentes “Educações Físicas” (REZER; NASCIMENTO; FENSTERSEIFER, 2011).

As diretrizes curriculares apresentam preocupações com relação aos estágios sinalizando que ao mergulhar na rotina dos espaços de intervenção do ECO, o estudante deverá adotar uma postura reflexiva e apresentar cuidado sobre os procedimentos técnicos e didático-metodológicos a serem adotados. Assim, podemos pensar o estágio juntamente com Marques (2003, p. 95), pois estes visam “eliminar o hiato entre a formação profissional formal e a vida profissional, no sentido

1 Fonte de Financiamento: Bolsa de auxílio à pesquisa, modalidade de Iniciação Científica PIBIC/FAPE, conforme Edital 010/Reitoria/ 2016, Unochapecó.

2 Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó), neusadk@unochapeco.edu.br

3 Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó), rezer@unochapeco.edu.br

4 Universidade Comunitária da Região de Chapecó (Unochapecó), leonardo.vieira@unochapeco.edu.br

de os cursos não se enclausurarem em torre de marfim e os profissionais não se eximirem das responsabilidades de repensarem de contínuo e de reorganizarem suas práticas”.

Segundo Rezer (2014) os desafios enfrentados pelos estudantes no ECO possibilitam um caminho de volta, ao evidenciar limitações da formação inicial no que se refere a subsídios à intervenção profissional, pois ao ser considerado componente curricular obrigatório, o estágio deve estar intrinsecamente articulado com a prática e com o trabalho acadêmico, bem como deve ser entendido na perspectiva da produção do conhecimento, como um processo no qual saberes oriundos dos componentes curriculares estudados na graduação até o momento dos estágios devem ser refletidos e aprofundados a partir das experiências travadas no campo de estágio.

Em consonância com as orientações legais, pensamos o ECO como momento de relacionar teoria e prática, refletir sobre as competências, habilidades e saberes necessários, a fim de enfrentar os futuros desafios da intervenção nos diferentes espaços de atuação do bacharel em EF. Porém, ainda não temos estudos significativos, conforme aponta Rezer (2014), que apresentem maiores evidências sobre os desdobramentos deste aporte para a intervenção pedagógica do futuro egresso em diferentes contextos de atuação. Essa situação fica ainda mais evidente quando se trata da formação do bacharel em EF, já que esta é uma modalidade de formação recente e que necessita de investimentos reflexivos para melhor compreensão do processo de formação e de qualificação dos ECOs.

Neste sentido, este texto busca apresentar discussões que contribuam para qualificar o processo de formação inicial do bacharel em EF a partir do olhar de quem percorreu o caminho de formação e, hoje, se encontra no mundo do trabalho enfrentando os desafios advindos da realidade encontrada no espaço da intervenção profissional.

ASPECTOS METODOLÓGICOS

Este estudo apresenta abordagem qualitativa e utilizou a entrevista como instrumento para a coleta dos dados. Foram colaboradores desta pesquisa oito professores de Educação Física graduados pela Unochapecó, que atenderam os seguintes critérios: estar formado há pelo menos 1 ano e atuando no mercado de trabalho dentro da área há no mínimo 6 meses, na cidade de Chapecó/SC. Com relação ao gênero, participaram 4 professoras e 4 professores. Estes atuam em diferentes contextos como: academias de natação e de hidroginástica, salas de musculação, categorias de base de clubes esportivos, escolinhas de iniciação esportiva e como auxiliar técnico esportivo.

O nome dos professores colaboradores desta pesquisa foi alterado para nomes fictícios a fim de preservar suas identidades e atender aos aspectos éticos. A análise dos dados foi realizada a partir da técnica da análise temática (MINAYO, 2008), e foram delimitadas duas categorias: fragilidades e potencialidades da formação inicial para atuação no campo do bacharelado e a percepção do egresso com relação às experiências proporcionadas pelo ECO, sendo esta última a base de discussão do presente texto.

O ESTÁGIO CURRICULAR NA FORMAÇÃO DO BACHAREL EM EDUCAÇÃO FÍSICA

O estágio deve se consolidar como uma fase de construção de conhecimentos compreendendo suas dimensões científica, experimental, investigativa e reflexiva, configurando-se como espaço-tempo de aproximação entre o futuro profissional e o também futuro campo de atuação. Anversa *et al* (2015, p. 26) alerta que o campo da EF ainda sente os efeitos de uma formação quase que exclusiva da licenciatura e que essa relação com o Bacharelado “ainda está em construção, num processo de aprendizado e amadurecimento, tanto de docentes como de discentes, a qual precisa ser analisada, de modo a promover a apresentação de possibilidades para sua consolidação e estruturação”.

Sendo considerado componente curricular obrigatório, o estágio deve estar intrinsecamente articulado com a prática e com o trabalho acadêmico. Rezer (2014, p. 401) discute o estágio como um “possível solo comum” do trabalho docente, “no qual as diferentes disciplinas poderiam conversar sobre as exigências da docência em um processo de formação inicial, perspectivando construir experiências que contribuam na formação do ‘ser professor’”.

A maioria dos colaboradores deste estudo enfatizou a importância deste componente curricular, ressaltando que é neste momento em que se aproximam mais do campo de atuação e se deparam com as diferentes realidades, a exemplo das falas de Ana e Davi, respectivamente:

É o momento que a gente aprende a lidar com o que está acontecendo, com as situações e as saídas que você vai gerar para elas além de você poder escolher o campo que você vai querer atuar na educação física;
Consegue ter contato com o profissional e com a realidade (...) você bota tudo na ponta do papel e da caneta e vai analisando a prática e pensando (...) então acho que ele é muito oportuno para aprender.

Antunes (2007) destaca que o estágio curricular precisa ser vivenciado em diferentes campos de intervenção possibilitando ao estudante demonstrar seus conhecimentos e habilidades a fim também de desenvolver novas competências profissionais. Nossos colaboradores fizeram referência a esta questão reconhecendo as contribuições do estágio para a formação quando este é realizado em diferentes campos de atuação, bem como a perda de experiências quando os contextos são limitados. Maria fala sobre a última situação dizendo que na época da realização de seu estágio

Tinha que escolher só um local. Eu escolhi a academia de natação e não tive experiência na academia de musculação, nem em espaços de lazer (...).

Outro fator apontado pelos egressos é o tempo no qual estiveram envolvidos nesta atividade, dizendo que deveriam ter mais horas disponibilizadas para esta etapa em virtude da quantidade de conteúdos trabalhados durante a formação inicial e a diversidade das áreas de atuação do futuro profissional. A fala de Pedro é representativa desta questão:

O período de estágio deveria ser um pouco maior. Os estágios deveriam abranger uma carga horária um pouco maior para que os acadêmicos conseguissem ter mais vivência durante a graduação.

João fala disso como ponto negativo, mas também assinala para a dificuldade de acompanhamento por parte dos professores orientadores e pondera:

Um ponto negativo seria o tempo, mas daí complica bastante você aumentar o estágio, pois aumenta o tempo de formação, aumenta custo. Talvez os acadêmicos não tenham este tempo para fazer também, então às vezes tem que ver o que é possível e o que não é.

Estas questões são pertinentes e necessitam de reflexões, porém o que parece ser decisivo para que o estágio possa ser realizado com qualidade, oportunizando ao estudante desenvolver e construir as habilidades e competências necessárias para a atuação, é o fato de poder passar por diferentes experiências de intervenção no que tange às populações (crianças, adolescentes, adultos, idosos, grupos especiais) e ao próprio objeto da intervenção (iniciação esportiva, treinamento, atividades de academia, lazer etc.) bem como destinar um período maior para desenvolver suas intervenções.

A inserção no mundo do trabalho por diversas vezes é um fator que gera insegurança e possíveis insatisfações profissionais. Ao articular teoria e prática o estudante vai consolidando e construindo conhecimentos e experiências que serão fundamentais para a futura atuação. Os egressos assinalaram para a implicação dos estágios no futuro profissional. Ana conta que teve a oportunidade de trabalhar no espaço em que desempenhou o último estágio obrigatório:

Fui contratada na minha área de atuação e foi muito bom pra mim porque quando realmente eu precisei mostrar no serviço, responder como professora eu já sabia o que eu tinha que fazer.

José relata sobre outra situação, dizendo que o que mais impactou

Foi ver o professor que eu não queria ser, a forma de trabalhar que eu não queria para mim.

Estas falas são representativas da importância do estágio no processo de formação e sua relação com o mundo do trabalho, além de denotar que cada estudante percebe a si mesmo e ao estágio a partir das suas expectativas e experiências com a área. No papel de formadores parece ser necessário, como afirma Rezer (2014) garantirmos articulações entre as “surpresas” do estágio às experiências de outras disciplinas. Nisso, é importante considerar a complexidade do processo de formação, construindo diálogos com “os campos de estágio, com os supervisores, com a direção dos espaços de intervenção que recebem os estudantes, entre outros” (REZER, 2014, p. 404). Este desafio, conforme Rezer (2014), exige que os responsáveis pela formação inicial atuem como uma espécie de arquitetos que possuem responsabilidades estratégicas neste engenhoso processo. Acrescentamos ainda, o papel fundamental do estudante: este deve compreender-se como aprendiz e apresentar uma atitude ativa e reflexiva frente às atividades de estágio a fim de que possa equacionar as dificuldades, dúvidas e desafios que advém desta experiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo ouvimos os egressos do curso de Educação Física-Bacharelado da Unochapecó a fim de efetivar “o caminho de volta”, conforme sugere Rezer (2014).

Os egressos assinalam para o estágio como um momento de muitos aprendizados relacionados ao “como fazer” e “como não fazer”, assim como um momento de conhecer diferentes realidades e de trabalhar com grupos diversos de pessoas. Nossos colaboradores consideram que o tempo destinado ao estágio poderia ser maior, argumentando que mais tempo nesta etapa traria maiores contribuições para a formação.

Enfim, podemos concluir que as diversas expectativas com relação à formação e ao campo de atuação norteiam as percepções dos egressos ao autoanalisarem seus percursos formativos, mas também ainda é necessário superar a ideia utilitarista e pragmática deste momento na formação, a fim de perceber o estágio como um espaço-tempo de se (re)conhecer como sujeito-profissional implicado pelas questões não só do saber, mas também do ser. Isso exige um olhar que ultrapassa as questões técnicas, didático-metodológicas e abarca as condições do ser professor numa perspectiva mais ampla.

THE CURRICULAR INTERNSHIP IN INITIAL FORMATION IN PHYSICAL EDUCATION - BACHELOR: PERSPECTIVES OF GRADUATES

ABSTRACT: This paper aimed to analyze the curricular internship in the process of formation in Physical Education, Degree, of Unochapecó. From the qualitative approach, it analyzes the perception of 8 teachers who graduated from the course. The thematic analysis of Minayo (2008) guided the analysis of the data that pointed to the following conclusions: the graduates perceive the stage as a moment of important learning beyond the need for more time in this formation phase.

Keywords: Physical education; Initial formation; Curricular internship

ETAPA EN LA FORMACIÓN INICIAL EN LA EDUCACIÓN FÍSICA - GRADO: LOS GRADUADOS PERSPECTIVAS

RESUMEN: Este texto objetivo analizar la pasantía en el proceso de formación de Educación Física, de la Unochapecó. A partir del abordaje cualitativo analiza la percepción de 8 profesores egresos del curso. La técnica de análisis temática Minayo (2008) orientó el análisis de los datos que apuntó para las siguientes conclusiones: los egresos perciben la pasantía como el momento de importantes aprendizajes allá de la necesidad de un tiempo mayor en esta etapa de la formación.

Palabras clave: educación física; formación inicial; pasantía profesional

REFERÊNCIAS

ANTUNES, A. C. **Mercado de trabalho e Educação Física:** aspectos da preparação profissional. Mestre das ciências da Motricidade, UNESP. Agosto, 2007.

ANVERSA, A. L. B.; BISCONSINI, C. R.; TEIXEIRA, F. C.; RINALDI, I. P. B.; OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli de. O estágio curricular em Educação Física – Bacharelado. **Rev. Kinesis**, v. 33, nº 1, jan-jun de 2015, Santa Maria.

MARQUES, M. O. **Formação do profissional da educação.** Ijuí: Unijuí, 2003.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 11.ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

REZER, R.; NASCIMENTO, J. V.; FENSTERSEIFER, P. E. Um diálogo com diferentes “formas-de-ser” da Educação Física contemporânea – duas teses (não) conclusivas... **Pensar a Prática.** Goiânia, v. 14, no. 2, p. 01-14, mai/ago, 2011.

REZER, R. **Educação Física na educação superior:** trabalho docente, epistemologia e hermenêutica. Chapecó: Argos, 2014.